

# TURISMO E BALANÇO DE PAGAMENTOS

## Considerações e Simulações para o Brasil

Renato G. Flôres Jr.\*

**RESUMO:** As relações entre o turismo externo e o balanço de pagamentos são analisadas, para o Brasil, mediante um modelo econométrico do processo de geração de saldos da conta turismo. Melhores desempenhos de tais saldos dependem de um conjunto de políticas que dinamizem pontos fracos da exportação turística como hoje se apresenta. Estas políticas são traduzidas em alterações de variáveis exógenas do modelo e, conseqüentemente, pode-se avaliar o seu impacto sobre o saldo. O modelo também permite estabelecer relações entre as velocidades de entrada e saída de turistas, que permitam atingir superávits fixados, em um horizonte dado. Discutem-se os resultados obtidos e as suas limitações, estas devidas em boa parte a problemas com as estatísticas disponíveis.

**UNITERMOS:** Turismo; balanço de pagamentos; estatísticas; modelos econométricos; elasticidades; exportações; fluxos de saída e entrada de turistas. Balanço de pagamentos; turismo; simulação.

*ABSTRACT: The relationships between (foreign) tourism and the balance of payments are explored, for Brazil, with the aid of an econometric model for the net tourism exports. A better exports performance depends on a series of policies directed at several sector shortcomings. These policies are translated into changes in selected exogenous variables and, consequently, can have their impacts evaluated. Relations between the incoming and exiting tourists' flows, to secure the attainment of specific balance of payments targets within a given time horizon, are also established. The results and corresponding weaknesses, the latter largely due to data problems, are discussed.*

*KEY WORDS: Tourism; balance of payments; statistics; econometric models; elasticities; exports; entering and exiting flows. Balance of payments; tourism; simulations.*

---

(\*) Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador visitante do Centro de Economia Matemática e Econometria da Universidade Livre de Bruxelas.  
End. para corresp.: FEA/UFRJ - Av. Pasteur, 250 - Urca - CEP 22290 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

## 1 INTRODUÇÃO

Apesar da importância para a nossa economia de um bom desempenho da balança comercial e da comprovada capacidade do turismo externo na geração de receitas, pouca atenção tem sido dada ao estudo dos impactos desta atividade em nosso balanço de invisíveis (serviços). Esta omissão torna-se ainda mais grave devido ao fato de que, com a crescente pressão das nações desenvolvidas por uma maior liberalização no comércio internacional de serviços, o turismo externo é um dos poucos setores onde o Brasil pode experimentar ganhos líquidos de divisas, em um ambiente mais liberal de trocas de serviços.

Neste artigo procura-se discutir tais possibilidades, a partir de avaliações baseadas em um modelo formal do setor. Embora exista considerável experiência internacional em modelagem econométrica para o turismo, muito poucas tentativas no gênero foram feitas para o Brasil. Rabahy<sup>1,2</sup> vem desenvolvendo um esforço sistemático na área, tendo ajustado regressões múltiplas para explicar os principais fluxos de entrada de turistas; Gottlieb<sup>3</sup> tentou regressões para as rubricas (exportações e importações) da conta turismo do balanço de pagamentos; e um modelo econométrico inicial, baseado nas idéias de Figueroa<sup>4</sup>, foi especificado e estimado por Lopes<sup>5</sup>. A presente tentativa se insere neste reduzido elenco, como uma primeira abordagem ao tema. Uma vantagem adicional do esforço de modelagem é forçar uma análise rigorosa - em termos principalmente de consistência interna e comparabilidade - das séries de dados disponíveis. Os problemas levantados, no caso brasileiro, são muitos, justificando a inserção de um pequeno adendo ao trabalho, sobre alguns pontos considerados relevantes.

Tomando-se como objetivo final um aumento da contribuição do turismo ao saldo dos invisíveis, diferentes estratégias são *a priori* admissíveis para se atingir tal fim. Naturalmente, cada uma delas ressalta distintas limitações, além de por vezes refletirem visões sobre o setor não testadas de uma forma rigorosa. Essas possibilidades são brevemente analisadas no item 3, onde se discute como refletir os seus efeitos no modelo utilizado. O item 4 apresenta os resultados obtidos, constituindo-se no núcleo principal do artigo. Finalmente, algumas conclusões, bem como medidas que devem ser tomadas para aprimorar o conhecimento do fenômeno, são apresentadas.

moção de alguns anos, em algumas das equações. Embora os ajustes finais sejam razoáveis (o menor  $R^2$  foi 0,659, para a equação de importações), a qualidade e significância econômica dos coeficientes variam conforme os blocos. Os resultados menos satisfatórios, sob o ponto de vista teórico, estão nos blocos do mercado de trabalho e de geração de renda, e não serão usados a seguir.

TABELA 1 - Modelo básico

A) EQUAÇÕES AJUSTADAS	
Descrição	%
<b>Exportações:</b>	
$IH_t^* = 0,61 E_t - 5,37 \times 10^3 PR_t + 3,43 \times 10^3 PH_t$	(96.8)
$IE_t^* = 0,17 E_t - 1,00 \times 10 PE_t$	(94.2)
$ID_t^* = 2,04 E_t + 1,52 \times 10 A_t$	(99.0)
<b>Balanço de pagamentos:</b>	
$X_t = IH_t^* + IE_t^* + ID_t^*$	
$nM_t = 6,10 + 0,16 ne_t + 0,22 du82 - 0,23 du77$	(65.9)
$S_t = X_t - M_t$	
<b>Mercado de trabalho:</b>	
$LH_t = 229 + 0,47 R_t - 0,19 L_t$	(99.9)
$Lh_t^* = 210 Z_t - 0,71 L_t$	(99.2)
$LT_j^* = LH_t + Lh_t^*$	
<b>Geração de renda:</b>	
$W_t = -4,72 \times 10^5 - 16,57 X_t + 11,4 LT_t^*$	(99.8)
$B_t = 2,22 \times 10^6 + 520 X_t + 0,64 I_{t-1}$	(85.9)
B) VARIÁVEIS UTILIZADAS	
Descrição	Fonte
<b>Endógenas:</b>	
$X_t$ : Total das exportações	Embratur
$M_t$ : Total das importações	Embratur

TABELA 1 - Modelo básico (cont.)

B) VARIÁVEIS UTILIZADAS	
DESCRIÇÃO	FONTE
$IH_t$ : Exportações: setor hotelero*	Censo dos Serviços <i>mais</i> estimativas
$IE_t$ : Exportações: setor diversões*	Censo dos Serviços <i>mais</i> estimativas
$ID_t$ : Exportações: outras despesas*	Censo dos Serviços <i>mais</i> estimativas
$LH_t$ : Força de trabalho: hotéis	Embratur
$Lh_t$ : Força de trabalho: outras empresas*	Censo dos Serviços <i>mais</i> estimativas
$W_t$ : Salários totais (turismo)	Censo dos Serviços <i>mais</i> estimativas
$B_t$ : Lucros: setor hotelero	Censo dos Serviços <i>mais</i> estimativas
<b>Exógenas:</b>	
$E_t$ : Fluxo de entrada de turistas	Embratur
$e_t$ : Fluxo de saída de turistas	Embratur
$PH_t$ : Índice de preços: setor hotelero	IBGE <i>mais</i> estimativas
$PR_t$ : Índice de preços: alimentação	IBGE <i>mais</i> estimativas
$PE_t$ : Índice de preços: diversões	IBGE <i>mais</i> estimativas
$A_t$ : Outras despesas (média)	Embratur
$R_t$ : Capacidade do setor hotelero	Embratur
$L_t$ : População economicamente ativa	IBGE
$Z_t$ : Número total de estabelecimentos no setor turístico	Embratur e IBGE
$I_{t-1}$ : Investimento doméstico em turismo no ano anterior ("proxy")	Embratur

(\*) Nas equações ajustadas, estas variáveis aparecem com um \*, uma vez que foi necessário utilizar "proxies" especiais para as mesmas<sup>5</sup>.

### 3 ESTRATÉGIAS COMERCIAIS

Muitas razões têm sido levantadas para explicar os tímidos resultados do nosso balanço turístico. Com relação aos grandes supridores de turistas, não-vizinhos, como os Estados Unidos e os países da Comunidade Européia, a distância, especialmente para os últimos, é, sem dúvida, um grande problema. Embora a taxa de câmbio seja também uma variável importante, os turistas europeus e norte-americanos parecem ser bastante sensíveis ao custo do transporte. Além do mais, como o Brasil é uma entre possíveis destinações competitivas, os fluxos são também afetados por qualquer evento ou promoção especial em outra parte. Outros ainda argumentam que a estrutura da rede hoteleira é deficiente, não havendo capacidade para suportar um aumento considerável.

O traçado de políticas específicas pressupõe certas opções dentre as diversas questões e pontos de estrangulamento existentes. Para as simulações aqui realizadas, as seguintes hipóteses, resultantes de um estudo sobre as barreiras comerciais e deficiências do setor<sup>6</sup>, foram admitidas:

- há necessidade de aumento e, principalmente, aprimoramento da rede hoteleira, mediante absorção de tecnologias modernas e um programa sistemático de treinamento de pessoal;
- apesar dos esforços desenvolvidos, a estratégia de promoção internacional do País ainda é razoavelmente tímida. Em particular, dois fatores contribuem bastante para tal. O primeiro é um calendário de promoções extremamente pontual no tempo e no espaço: outras festividades ou eventos - como os congressos e reuniões profissionais - devem ser promovidos ou atraídos, e diversas áreas turísticas restam por ser exploradas. O segundo é o pouco uso dos canais (eletrônicos) de informação e de transmissão de dados em geral, pelas firmas e sistemas (redes de reservas de hotéis e passagens, *leasing* de veículos etc.) do setor;
- há possibilidades de dinamização do setor agências & operadoras, seja em termos de escala como de eficiência. Uma maior integração com os hotéis e as transportadoras, com mais visibilidade internacional, deve ser tentada, visando a criação de pacotes competitivos que consigam desviar fluxos destinados a áreas concorrentes;
- pouco uso vem sendo feito do turismo como fator de desenvolvimento regional. Os instrumentos para operacionalizar as idéias acima, ou solucionar os problemas apontados, podem assumir vá-

rias formas. O estabelecimento de *joint-ventures* com parceiros internacionais apropriados, cujo porte não seja esmagadoramente maior do que o das firmas locais, e o aproveitamento das conseqüências de abertura que vem sendo ensaiada nos setores de telecomunicações e informática são vias importantes a explorar. O desenvolvimento turístico integrado de certas regiões, mediante a junção de interesses financeiros, técnicos e locais, pode ter um efeito multiplicador considerável.

A avaliação dos impactos destas medidas, dentro do contexto do modelo anteriormente descrito, requer uma tradução aproximada dos seus efeitos sobre as variáveis exógenas. Assim, suporemos que as medidas *b*, *c* e *d* se traduzirão num aumento no fluxo de entrada  $E_i$ . As medidas em *a*, além de reforçarem o aumento no fluxo de entrada, deverão ter reflexos sobre a capacidade hoteleira ( $P_i$ ) e o índice de preços do setor ( $PH_i$ ). Finalmente, *b* poderá também se refletir em um aumento do gasto médio do turista padrão ( $A_i$ ). Os efeitos destas variações são repassados às variáveis de interesse (receitas, lucros e salários) através das elasticidades obtidas das equações ajustadas.

Além dos impactos acima, é importante considerar que metas - em termos de aumentos significativos no saldo comercial - podem ser atingidas em um horizonte de curto a médio prazo. Para isto, políticas como as delineadas devem ser capazes de sustentar um aumento contínuo no fluxo turístico de entrada, que compense eventuais aumentos nas importações (saídas de turistas nacionais). Utilizando-se valores do modelo, pode-se obter condições relacionando as velocidades de ambos os fluxos, como destaca-se no item 4.

#### 4 AVALIAÇÕES E IMPACTOS

A Tabela 2 apresenta as elasticidades relevantes, obtidas dos valores ajustados para o modelo. São elasticidades médias, isto é, calculadas no ponto definido pelas médias dos dados, e refletem, como mencionado, o efeito de políticas de dinamização do setor. Com estes elementos é possível montar um quadro que mostra o efeito combinado sobre as exportações. Os valores da Tabela 3 indicam claramente que (como esperado, devido às ordens de grandeza das respectivas elasticidades) a variável relevante é o fluxo de entrada, devendo concentrar-se nela os maiores esforços das políticas a serem implementadas.

TABELA 2 - Elasticidades médias estimadas

A) COM RELAÇÃO AO FLUXO DE ENTRADA DE TURISTAS			
receitas de	hotéis		1,15
	diversões		1,13
	outras despesas		1,49
receita total (exportações)			1,38
B) COM RELAÇÃO AO SETOR HOTELEIRO			
salários	capacidade	preços	
receitas de hotéis	1,61	x	
	x	0,39	
C) COM RELAÇÃO AO GASTO MÉDIO DO TURISTA PADRÃO			
receita de outras despesas			0,01

TABELA 3 - Impactos de Políticas de Dinamização do Turismo Externo nas Exportações

entrada	AUMENTOS % em		AUMENTO % correspondente nas exportações
	preço dos hotéis	gasto médio	
10	10	10	14,8
20	10	10	28,6
10	20	10	15,9
10	10	20	15,6

No tocante às possibilidades de aumentos no saldo do balanço, foram estimadas que velocidades (constantes) de incremento anual dos fluxos de entrada de turistas estrangeiros e saída de nacionais permitiriam, em um horizonte de  $n$  anos, atingir um saldo  $k$  ( $k > 2$ ) vezes superior num dado período básico. Duas hipóteses foram consideradas: uma onde a conta das importações permanece constante, e outra admitindo evoluções nas duas rubricas. Neste último caso, obtém-se uma condição entre as duas velocidades.

Como exemplo da metodologia empregada, no caso em que as importações são supostas constantes, as exportações  $n$  anos após o ano  $t$ , se os turistas entraram a uma velocidade relativa constante anual  $V_E$  ( $= E/E$ ), podem ser aproximadas como:

$$X_{t+n} = X_t (1 + \epsilon_{XE} V_E)^n$$

onde  $\epsilon_{XE}$  é a elasticidade média das exportações com relação ao fluxo de entrada. A meta imposta é:

$$X_t (1 + \epsilon_{XE} V_E)^n - M_t = k (X_t - M_t)$$

que resolvida em termos de  $V_E$  dá:

$$V_E = 1/\epsilon_{XE} \left\{ [k - M_t/X_t (k-1)]^{1/n} - 1 \right\}$$

expressão que permite o cálculo das diversas velocidades, conforme os valores de  $n$ ,  $k$  e das rubricas no ano base.

Permitindo-se variações nas importações, é possível relacionar as velocidades de crescimento de cada fluxo, supostas agora constantes em termos absolutos, isto é,  $V_E = E/t$ , para atender aos mesmos objetivos. Nesse caso, é necessário, ainda, uma hipótese adicional sobre o gasto médio do turista nacional no exterior.

A Tabela 4 apresenta os diversos valores obtidos sob as duas hipóteses, colocando-se, para facilitar a interpretação, as respectivas velocidades médias históricas (1975-87). Os resultados considerados viáveis encontram-se circundados. Sob uma ótica conservadora, pode-se dizer que o objetivo de atingir em cinco anos um saldo também cinco vezes maior parece passível de ser sustentado. Um esforço maior e, também, boa dose de otimismo - talvez possa permitir quadruplicar os saldos a cada três anos. Qualquer pretensão fora disto não parece viável.

## 5 LIMITAÇÕES E EXTENSÕES

Se as simulações anteriores fornecem alguma indicação sobre os ganhos viáveis, outros elementos podem perturbar os cenários apresentados. Desequilíbrios nos saldos possíveis podem ocorrer devido a um aumento nas remessas por parte dos operadores e agentes estrangeiros, bem como devido a crescimentos inesperados (e menos prováveis)

TABELA 4 - Velocidades dos fluxos de turistas internacionais para garantir objetivos de saldo de comercial

A) Supondo as importações constantes (os números referem-se a velocidades relativas anuais, e estão dados em %)\*.

(n)	2	3	5	10		
(k)	2	12,9	8,4	4,9	x	$v_E$ anual médio de 1975 a 1987 foi 13,1%
	3	24,1	15,3	8,8	x	
	4	x	21,2	12,1	5,8	
	5	x	26,5	14,9	7,1	

B) Supondo as importações variando, porém mantendo a razão importações/fluxo de saída igual, em média, ao seu valor histórico. Para a obtenção das metas/horizontes, a velocidade anual de entrada de turistas estrangeiros deve ser, no mínimo, igual a 12,4% da velocidade de saída de nacionais mais os números absolutos da tabela, em 1000 turistas/ano\*.

(n)	2	3	5	10		
(k)	2	84	56	34	x	$v_E$ anual médio de 1975 a 1987 foi 117.590 e o $v_e$ foi 60.049
	3	168	112	67	x	
	4	x	168	101	50	
	5	x	224	134	67	

(\*) As casas com um x significam que a meta ou é muito ambiciosa ou, ao contrário, pouco interessante.

(\*) As casas com um x significam que a meta ou é muito ambiciosa ou, ao contrário, pouco interessante.

veis) no fluxo de saídas. Incertezas com relação à taxa de câmbio, podem arrefecer consideravelmente o ânimo dos parceiros estrangeiros. Por outro lado, não foram considerados os efeitos multiplicativos de um maior volume de investimentos no setor.

Avaliações preliminares do efeito combinado de fatores positivos e negativos<sup>5</sup> parecem indicar que os primeiros podem, no mínimo, contrabalançar os segundos. Entretanto, para um efetivo avanço nessas direções, ao lado dos aprimoramentos técnicos, os responsáveis pelo setor têm um papel importante a desempenhar. Seja na crítica construtiva dos resultados, seja no auxílio e apoio a empreendimentos básicos fundamentais, a sua participação é condição essencial para que os estudos quantitativos sejam incorporados aos instrumentos de tomada de decisão no turismo. A melhoria das estatísticas é, em particular, um trabalho paralelo fundamental que deve ter o apoio de todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. RABAHY, W. A. *Fundamentos econométricos e estudos econômicos no planejamento turístico*. São Paulo, ECA/USP, 1988. (Tese de Livre Docência)
2. RABAHY, W. A. Fundamentos econômicos e quantitativos no planejamento turístico. *Turismo em Análise*, São Paulo, ECA/USP, v. 1, n. 1, p. 35-54, mai. 1990.
3. GOTTLIEB, E.. *Determinantes do balanço de serviços não-fatores no Brasil: experiência recente e perspectivas de liberalização*. Rio de Janeiro, PUCRJ, 1989. (Tese de Mestrado)
4. FIGUEROLA, M. *Teoria econômica del turismo*. Madrid, Aliança Editorial, 1985.
5. LOPES, S. S. *Turismo externo: determinantes do desenvolvimento e avaliação do impacto*. Rio de Janeiro, FEA/UFRJ, 1989 (Monografia de Bacharelado)
6. EUROPEAN COMMISSION. *Brazil - EC trade in services: measurements, issues and policies*. Brussels, DGXII/EC, 1990.

## ADENDO

### Sobre a qualidade das estatísticas de turismo

Os principais dados necessários ao estudo do setor encontram-se na Embratur ou na Fundação IBGE. As importações e exportações são também compiladas pelo Banco Central, na conta viagens do balanço de serviços. Porém, devido à diferença entre as duas metodologias, os dados da Embratur não são compatíveis com os do Banco Central, obrigando o usuário a fazer uma escolha pessoal. A Tabela abaixo mostra ser a discrepância entre as duas séries de tal ordem que, conforme a escolha, um déficit no balanço pode se tornar um superávit. Deve-se dizer que, a partir de 1989, com a adoção do dólar turismo, a situação melhorou bem, devido, principalmente, a um substancial aumento na captação das exportações pelo Banco Central.

TABELA - Turismo - Importação e exportação - Brasil  
(milhões de dólares)

ANO	BdP <sup>a</sup>		EMBRATUR <sup>b</sup>	
	M	E	M	E
1980	367	126	1160	1794
1981	408	243	1300	1726
1982	911	65	1507	1607
1983	431	39	839	1533
1984	218	65	939	1512
1985	441	66	1194	1493
1986	594	85	1464	1527
1987	286	102	1249	1502

<sup>(a)</sup> Fonte: Banco Central.

<sup>(b)</sup> Fonte: Embratur.

Muitas séries são interrompidas ou apresentam lacunas consideráveis. Isto se dá, principalmente, com o setor hoteleiro, onde a Embratur e o IBGE duplicaram por vezes a coleta ou a omissão, dificultando a obtenção de uma série homogênea, sem lacunas.

Com relação aos índices de preços dos diversos serviços oferecidos pelo setor, não existe, ao que nos consta, nenhum trabalho sobre o assunto, o que levou ao uso de "proxies" bastante heróicas, repercutido na baixa qualidade das estimativas dos coeficientes referentes a estes termos. Da mesma forma, à parte algumas pesquisas eventuais efetuadas pela Embratur, a obtenção de uma série com a desagregação das receitas de exportação tem que recorrer a métodos econométricos indiretos.

Tudo isso confere um grande grau de limitação às possíveis sofisticações técnicas que se deseje empregar. Além do mais, obriga a que qualquer tentativa com um mínimo de seriedade, faça previamente uma avaliação crítica dos dados utilizados.